

DIVERGÊNCIAS EM TORNO DA PROSA ROMÂNTICA BRASILEIRA: HERON DE ALENCAR E OUTROS CRÍTICOS

Carla Patrícia Santana¹

RESUMO

Esse estudo trata de um capítulo da historiografia literária brasileira: a recepção crítica contemporânea e póstuma a um dos estudos do crítico Heron de Alencar sobre literatura romântica: “José de Alencar e a ficção romântica”, publicado em *A literatura no Brasil* (1956). Da recepção contemporânea, destacam-se Eduardo Portella, Adonias Filho e Rui Bloem. Da recepção póstuma, Alfredo Bosi e Nelson Werneck Sodré. Salientam-se o que predominou nestas críticas, as réplicas (textos publicados e inéditos, incluindo manuscritos) e o nível de aproximação teórica e metodológica entre os autores.

Palavras-chave: historiografia; romance brasileiro; identidade nacional.

ABSTRACT

This study is a chapter of the Brazilian literary historiography: the critical reception of contemporary and posthumous production of the literary critic Heron Alencar. This paper's focalized specifically about this studies on literature: *José de Alencar and romantic fiction*, published in the literature in Brazil (1956). From contemporary reception, stand Eduardo Portella, Adonias Filho and Rui Bloem. Posthumous reception, Alfredo Bosi and Nelson Werneck Sodré. This reflection noted that prevailed in these criticisms and the levels of theoretical and methodological approach among of the authors and how some of these criticisms were received by the author (founded in manuscripts and typescripts, published d ananunpublished). To demonstrate this critical dialogue, this reflection's inserted the answers Heron Alencar about the criticism that he received.

Keywords: literary historiography; brazilian novel; national identity.

¹ Professora da Universidade do Estado da Bahia, Doutora em Literatura, Profa. Colaboradora do Mestrado em Crítica Cultural. Autora de: *As baianas da música* (Anais do SENALIC, 2012), *Configuração de um intelectual se pensando: considerações e autocrítica de Heron de Alencar* (In: *Estudos de crítica cultural: diálogos e fronteiras*, 2010), *Heron de Alencar: um crítico nos periódicos*, 2007, e Organizadora (com Ivía Alves, Nancy Vieira e Alvanita Almeida) *Eu vim contar outras coisas da Bahia e Leituras Amadianas*, ambos em 2007.

Divergências em Torno da Prosa Romântica Brasileira: Heron de Alencar e Outros Críticos

1. INTRODUÇÃO

Este estudo trata da recepção à produção do crítico literário Heron de Alencar (Crato, 1921 – Rio de Janeiro, 1972), especificamente ao seu estudo sobre o primeiro romance brasileiro, o caráter nacional e identitário da literatura brasileira e procedimentos de análise literária. Saliento o que predominou nestas críticas, quais os seus autores, o nível de aproximação teórica e metodológica entre eles e como algumas destas críticas foram recebidas pelo autor.

No conjunto de textos da recepção crítica contemporânea aos estudos literários de Heron de Alencar, destaco, neste momento, um trabalho que foi alvo de comentários críticos: o estudo intitulado “José de Alencar e a ficção romântica”, publicado em *A literatura no Brasil*, em 1956 (COUTINHO, 1969). Na recepção crítica a este estudo, destacam-se os nomes de Eduardo Portella (1958), Adonias Filho ([1957]) e Rui Bloem (1957).

A fim de evidenciar esse diálogo crítico, inseri as respostas de Heron de Alencar sobre as críticas que recebeu coletadas em textos manuscritos e datilografados, não publicados, encontrados no seu acervo particular.

Além da recepção contemporânea, trago, ainda, um breve levantamento da recepção póstuma. Trata-se de um levantamento das citações que recebeu em histórias literárias publicadas ou reeditadas após seu falecimento, particularmente na *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (1989), e na *História da literatura brasileira*, de Nelson Werneck Sodré (1988), sendo que é este o trabalho em que seu nome aparece com mais frequência quando o assunto é Romantismo.

Antes de continuar, é necessário fornecer algumas breves informações sobre esse estudioso da literatura². Heron de Alencar nasceu no Crato, Ceará, em 1921, mas, cedo se mudou para a Bahia. Em Salvador, atuou, inicialmente, como colaborador e, depois, como crítico literário e redator da página literária do jornal *A Tarde*, entre os anos de 1947 a 1952; em 1948, com a morte de Carlos Chiacchio, assume seu lugar na crítica literária, com a coluna “Caleidoscópio”. Na década de 1950, vai para a Europa estudar

² Sobre ele, está no prelo uma biografia de minha autoria.

Literatura Comparada. No retorno, assume a função de assessoria do reitor da Universidade da Bahia (atual Universidade Federal da Bahia), tendo um papel decisivo na implementação de cursos e laboratórios experimentais. Foi professor da instituição.

Quando, na Bahia, inaugura-se a mídia televisiva, torna-se responsável por um programa cultural de entrevistas (ao vivo), o Clube de Debates. Convocado para participar do projeto de Construção da Universidade de Brasília, para lá se muda no início dos anos 1960. Com o golpe militar é exilado, passando por países de diferentes continentes nos quais concedeu entrevistas sobre realidade e cultura brasileiras, publicou textos, participou de organizações políticas de resistência e do projeto das Universidades da Argélia (junto com Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro). Deixou textos publicados e inéditos, completos e incompletos e uma diversidade de documentos sobre cada fase e cada projeto dos quais participou.

O seu retorno ao Brasil, em fins de 1971, foi uma despedida, saindo do aeroporto em uma ambulância direto para o hospital, vigiado pela polícia, onde faleceu em 1 de janeiro de 1972, tendo ao seu lado um livro de Cruz e Sousa.

2. RECEPÇÃO CRÍTICA CONTEMPORÂNEA AOS ESTUDOS LITERÁRIOS

2.1 RECEPÇÃO CRÍTICA AO ESTUDO SOBRE O ROMANTISMO

Na recepção crítica à publicação do tomo sobre o Romantismo de *A literatura no Brasil*, em 1956 (COUTINHO, 1969), encontrei alguns textos que ressaltam o capítulo preparado por Heron de Alencar, “José de Alencar e a ficção romântica”. Deles, destaco três, sendo que dois constam do acervo particular do estudioso e um foi publicado em livro. Os primeiros foram publicados em periódicos cariocas, por Adonias Filho ([1957]) e Rui Bloem (1957). O terceiro, de Eduardo Portella (1958), foi publicado em seu livro *Dimensões I*. Todos fazem parte de uma crítica imediatamente posterior à edição do trabalho e foram publicados nos anos de 1957 e 1958. Apenas um deles, o de Bloem, não foi elogioso, isto porque há diferenças na eleição dos critérios adotados entre os dois estudiosos.

Divergências em Torno da Prosa Romântica Brasileira: Heron de Alencar e Outros Críticos

A crítica de Eduardo Portella está inserida na apreciação geral que faz do trabalho organizado por Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil*, e ressalta o que considera deficiências e acertos da obra. Para ele, o livro atinge grandes momentos de elevação, especialmente com trabalhos de José Aderaldo Castelo, Cassiano Ricardo, Eugênio Gomes, Fausto Cunha e Heron de Alencar. Considera, porém, o capítulo *José de Alencar e a ficção romântica*, de Heron de Alencar, o “ponto alto do volume”, o mais *completo* e seguro estudo já publicado no Brasil sobre um romancista,

um trabalho onde ao pesquisador rigoroso, compreensivo historicamente, se alia uma admirável vocação de crítico literário preocupado com a razão interna da obra de arte, mas sem que se deixe perder na minúcia; pelo contrário: com uma noção nítida e clara do conjunto, realizando um trabalho integral (PORTELLA, 1958, p. 55).

Neste trabalho, a crítica literária atende ao que Portella (1958) considera como “critério tridimensional” ou “atividade tridimensional da crítica literária” em que o julgamento da obra é uma consequência da aproximação *intuitiva* e do conhecimento *científico*. E, citando Otto Maria Carpeaux, qualifica Heron de Alencar como um “crítico de talento”. Vejamos o que é essa tridimensionalidade colocada por ele.

Portella (1958) defende três níveis de dimensão. A primeira, da qual se serve a intuição, é subjetiva, afetiva; a segunda é a científica, através da qual podemos encontrar a “razão interna” da obra de arte, ou seja, os seus mecanismos; e a terceira é a do julgamento. Somente depois de passar pelas outras duas dimensões é que o crítico pode julgar ou definir seu caráter³.

O que Portella (1958) considera como *conhecimento científico* é o conhecimento do *mecanismo poético*. De acordo com ele, é preciso conhecer os métodos de análise literária, não para definir, de antemão, o método a ser aplicado a uma obra, mas, antes, pela compreensão de que o método é sugerido pela própria obra literária e que cada uma merece um tratamento diferente, específico, inerente a ela. Segue, segundo ele mesmo afirma, o pensamento de Leo Spitzer e de Dámaso Alonso e, mais especificamente, de Carlos Bousoño. Em mais de uma oportunidade, Portella se refere às

³ Segundo o próprio Portella, ele toma a concepção de Ortega.

ideias de Bousoño sobre um novo conceito de estilística no qual há uma coexistência de procedimentos e outro entendimento sobre o poema; este, além de dever grande parte de sua estrutura à época, à geração e ao gênero, é também expressão da personalidade do autor, que é constituída pelo encontro de um *eu íntimo* e um *eu social*.

Entre Heron de Alencar e Eduardo Portella, há uma sintonia de ideias. Ao ressaltar que Portella e Alencar se aproximavam, pretendo mostrar a afinidade de procedimento que transparece em suas críticas. O tipo de análise que Alencar faz é a mesma defendida por Portella: em ambos, verifica-se a ideia de que é a obra que escolhe o método (Heron de Alencar não adota um método único, há uma combinação), e há a busca pelo entendimento da visão de mundo do escritor, da sua formação e da condição de produção.

Para Adonias Filho ([1957]), a coleção *A literatura no Brasil* faz uma revisão histórica que corresponde a “uma redefinição geral condicionada a uma percepção histórica, ideológica e estilística da literatura brasileira”. Segundo ele, o tomo dessa obra que trata do movimento romântico apresenta um “seguro critério” no qual há levantamento histórico e análise crítica, configurando-se como um trabalho de interpretação e um exemplo de história literária. O grupo de escritores formado por Mattoso Câmara Júnior, José Aderaldo [Cunha], Eugênio Gomes, Fausto Cunha, Waltensir Dutra, Heron de Alencar, Cassiano Ricardo e Afrânio Coutinho examina o movimento em todos os aspectos, cada um responsável por uma parte, permitindo uma configuração do movimento capaz de favorecer uma interpretação extrema.

Ao enfatizar o método de pesquisa adotado, Adonias Filho resalta os elementos que caracterizaram, segundo ele, este trabalho: o rigor, o estudo em profundidade, a sequência (os trabalhos se completam) e a compreensão estilística. É justamente por sua visão de conjunto que esta obra, segundo ele, “[...] possibilita os estudos imediatos, detalhados, restritos a um tema especializado” ([1957], p. 14), o que teria enriquecido o trabalho porque cada especialista se ateu a um tema.

Na opinião de Adonias Filho, dois capítulos exigem atenção especial: um deles, o de Cassiano Ricardo, “[...] que consegue determinar a posição de Gonçalves Dias face

Divergências em Torno da Prosa Romântica Brasileira: Heron de Alencar e Outros Críticos

ao indianismo”; e o outro, o de Heron de Alencar, que trata da presença e da influência de José de Alencar na ficção romântica, “[...] um dos nossos mais graves problemas literários”. Ele ressalta que “[...] em ambos o índio é o agente do tema romântico no Brasil” ([1957], p. 14).

Já Rui Bloem⁴ publica uma série de quatro artigos na *Folha da Manhã*, São Paulo, em 1957, nos quais debate um assunto da historiografia literária, qual seja, a do surgimento do primeiro brasileiro⁵. Bloem havia sustentado a tese de que Teresa Margarida da Silva e Orta seria a precursora do gênero no país, mas foi refutado por Heron de Alencar⁶.

O trabalho de Heron de Alencar afeta, justamente, a principal questão dos estudos de Bloem, negando-a e este, obviamente, ao tomar conhecimento disto, saiu em defesa dos resultados de sua pesquisa, na primeira oportunidade que teve de proferir conferência sobre o tema. Os quatro artigos, que têm o mesmo título *Tereza Margarida e o primeiro romance brasileiro*⁷, são resultado da conferência que realizou na Universidade de Campinas, em um curso de extensão universitária, no qual coube a ele o tema “O romance brasileiro”.

Ao relatar o caminho percorrido durante sua pesquisa nas bibliotecas de Portugal, Bloem revela a posição confortável que passou a ocupar já que fora ele quem “descobriu” que Teresa Margarida da Silva e Orta era a precursora do romance no Brasil, corrigindo, segundo o próprio Bloem (1957a, p. 3), um erro da nossa historiografia.

Servindo-me da bibliografia que já colherei sobre o assunto, agora enriquecida pela documentação apresentada por Ernesto Ennes, a qual me

⁴ Rui Bloem (São Paulo, 18 out. 1906 – 22 nov. 1962 São José dos Campos, SP), jornalista, advogado. Iniciou suas atividades jornalísticas em *O Estado de S. Paulo*, onde permaneceu de 1920 até 1930. Em 1933, passou a fazer parte da redação da *Folha de S. Paulo*, como secretário da então *Folha da Noite*. Mais tarde, passou a fazer crítica de teatro e de cinema e a dirigir o suplemento literário desta folha. Assinou, ainda, uma coluna de crítica literária, posteriormente reunida em livro sob o título *Palmeiras no Litoral*. Em 1952, ocupou o cargo de assistente de direção da *Folha de S. Paulo*, da qual foi redator-chefe. Foi secretário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), desde a sua fundação até 1943. Também foi diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

⁵ Todos esses recortes de jornal se encontram no acervo de Heron de Alencar. Apesar de estar na Europa no período em que Bloem publica suas conferências no Brasil, ele tem notícias da polêmica e recebe os artigos, via correio, por intermédio de Adalmir da Cunha Miranda (também crítico literário, colaborador do Suplemento Literário da Folha de São Paulo, nos anos 1950), como mostra trecho da resposta de Alencar apresentada no Anexo B.

⁶ Ver Anexo A.

⁷ O Anexo A mostra o primeiro artigo da série.

caía do céu quando os meus estudos estavam adiantados, procurei pôr em ordem esse vasto material. E pude tirar dele conclusões a que até então ninguém chegara por não dispor dos mesmos elementos.⁸

Essa posição se manteve por quase vinte anos, durante os quais o livro *O primeiro romance brasileiro*, de 1938, sua autoria⁹, foi citado e comentado em periódicos e livros, reproduzido em revistas, traduzido e divulgado pelo país afora e no exterior. Todos estes fatos são lembrados por Bloem no seu artigo. Esta situação vai se modificar, a partir de 1956, ano de publicação do estudo de Heron de Alencar que contesta suas ideias. Aliás, cabe aqui transcrever o trecho de Bloem (1957a, p. 3) no qual menciona, pela primeira vez, esta mudança:

Agora, porém, precisamente quando esse trabalho estava beirando aos vinte anos, surgiu em torno dele um problema que começou a inquietar-me. Ao publicar no ano passado a sua notável obra *A literatura no Brasil*, trabalho de equipe elaborado com a colaboração de brilhantes ensaístas brasileiros e portugueses, o escritor Afrânio Coutinho confiou um os seus capítulos – o referente a ‘José de Alencar e a ficção romântica’ a um ilustre professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, Heron de Alencar. No seu primoroso trabalho, Heron de Alencar, ao tratar das origens do romance brasileiro, discordou da tese por mim sustentada. No seu entender, o livro para o qual eu reivindicara o título de ‘primeiro romance’ não merece figurar na nossa história literária, porque o seu autor, embora nascido no Brasil, viveu desde a infância em Portugal. Enjeitando, assim, o romance de Teresa Margarida, Heron de Alencar reivindicou para uma novela de Lucas José Alvarenga, *Statira e Zoroastes*, publicada no Rio em 1826, o título que arrebatara à escritora do período colonial. Essa novela seria anterior às tentativas de romance devidas a Pereira da Silva e a Justiniano José da Rocha em 1839, a Varnhagem em 1840 e a Joaquim Norberto de Sousa e Silva em 1841 predecessores de Teixeira e Sousa (1843) e de Joaquim Manoel de Macedo (1844), aos quais os mais autorizados historiadores da nossa literatura, como Silvio Romero e José Veríssimo, atribuíam o papel de fundadores do romance brasileiro. E Heron de Alencar, se cronologicamente marcava o início do romance no Brasil com a novela de Lucas José Alvarenga, reconhecia haver-se iniciado a fase definitiva do romance romântico em nosso país com a publicação de *O filho do pescador* de Teixeira e Sousa, em 1843. A Macedo, com a publicação de *A Moreninha*, em 1844, cabia apenas a honra de haver acentuado melhor e fixado cientificamente as características do nosso romance romântico.¹⁰

⁸ Ver Anexo A.

⁹ *O primeiro romance brasileiro*, publicado como separata da *Revista do Arquivo Municipal*, de out. 1938, é a sua estreia nas letras, no concurso de história promovido pelo Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo.

¹⁰ Ver Anexo A.

Divergências em Torno da Prosa Romântica Brasileira: Heron de Alencar e Outros Críticos

Cabe ressaltar alguns pontos desse trecho de Bloem. Um deles é a alteração proposta por Heron de Alencar para a nossa historiografia literária, ao conceder a uma novela de Lucas José Alvarenga o título de primeiro romance brasileiro. Como o próprio Rui Bloem dissera, esta posição se diferenciava do que já haviam dito historiadores renomados, ou melhor, nas suas palavras, “[...] os mais autorizados historiadores da nossa literatura, como Silvio Romero e José Veríssimo”. Neste momento do texto, Bloem parece questionar se o novo crítico estaria “autorizado” para discordar de nomes já renomados; ao mesmo tempo, evidencia que Alencar, assim como os outros colaboradores de *A Literatura no Brasil*, fazia uma revisão da historiografia literária brasileira.

Por conta desse comentário de Bloem, faz-se necessário citar aqui, pelo menos, o posicionamento de um historiador “autorizado” sobre a questão. Escolho José Veríssimo porque foi fonte constante de estudo e de referência para Heron de Alencar, que se afastou da perspectiva de Romero. Para José Veríssimo (1969), o romance brasileiro foi iniciado por Gonçalves de Magalhães e Teixeira e Sousa, sendo o último o criador do romance brasileiro, portanto o primeiro escritor brasileiro de romances.

Heron de Alencar não discorda por completo da posição de Veríssimo. O que faz é propor uma etapa anterior ao início do que considera a fase definitiva do nosso romance e isto é consequência do modo como realizou seu estudo. Penso que ele parte de outra pergunta – como se deu o desenvolvimento do romance romântico no Brasil? – em vez de se perguntar qual o primeiro romancista. Esta postura o levou a resultados diferentes. Isto é tão verdadeiro que os nomes incluídos por ele passaram a ter importância antes não alcançada. Mantém, porém, parte da posição corrente, ao reconhecer como marco definitivo do romance romântico a publicação de *O filho do pescador*, de Teixeira e Sousa, em 1843.

Nos seus trabalhos sobre o romance romântico brasileiro, Heron de Alencar discorreu sobre como se deu o desenvolvimento do romance até chegar à sua fase definitiva e, para isto, segue mapeando escritores e obras. Recorro aqui à mesma pergunta colocada por Werneck Sodré (1988) para me referir ao que parece ter buscado Heron de Alencar: quais são os primeiros passos do gênero, efetivamente, no Brasil?

Heron de Alencar e Werneck Sodré irão seguir caminhos diferentes nesta interpretação, pois o segundo afirma que o critério cronológico não é o principal para responder a tal questão e que as tentativas de Alvarenga, Pereira da Silva e outros não configuram o romance brasileiro. Vai apontar Macedo, porque, para ele, neste surge o ambiente brasileiro e a aceitação do gênero no Brasil. Segundo Werneck, as bases do romance brasileiro foram lançadas por José de Alencar. Vale ressaltar que o único momento em que Sodré cita Alvarenga é na edição revista de seu livro, em 1988, quando se refere, com a devida indicação, ao que havia escrito Heron de Alencar sobre o assunto. Isto evidencia que Heron de Alencar se manteve como um dos poucos que salientaram a figura de Lucas José Alvarenga até aquele período¹¹.

Antes que surja a pergunta sobre como Heron de Alencar respondeu às críticas de Bloem, antecipo a questão. O fato é que não há nenhuma resposta publicada. E explico o porquê do silêncio: quando Bloem publica sua crítica, em setembro de 1957, Alencar não está no País, não tendo como conhecer imediatamente os artigos. Por isto é que só tem notícias do assunto tempos depois. Poderia ainda se ter pronunciado naquele momento, mas pretendia responder à questão em outro ensaio sobre o romance romântico, trabalho que não chegou ser concluído¹². Essas informações estão em um dos seus manuscritos (incompletos) e não publicados (ALENCAR, [resposta à crítica de Rui Bloem...], [195-])¹³ em que se refere às críticas feitas ao seu estudo sobre os romancistas brasileiros realizadas por Rui Bloem.

Além disso, segundo o próprio Heron de Alencar, o fato de Bloem ter recorrido a uma tentativa de desqualificação, afirmando que ele não examinara o trabalho com atenção e deturpara seu pensamento, chegando mesmo a sugerir que não lera o trabalho, fez com que ele silenciasse diante da incompreensão do outro: “Ainda que, àquela época, não estivesse fora de tempo uma resposta ou um esclarecimento, preferi silenciar. Julguei não merecer tal consideração quem me dizia capaz de contestar um

¹¹ Neste momento não pretendo discorrer sobre estudos anteriores nem imediatamente posteriores ao texto de Heron de Alencar que abordaram a produção de Alvarenga.

¹² O projeto se encontra no seu acervo.

¹³ Ver Anexo B

Divergências em Torno da Prosa Romântica Brasileira: Heron de Alencar e Outros Críticos

trabalho ‘sem conhecê-lo ou examiná-lo melhor’” (ALENCAR, [resposta à crítica de Rui Bloem...], [195-])¹⁴. Para ele, Bloem não havia entendido a discordância de critérios.

Há uma contradição na postura de Bloem quando ele “sugere” que o “ensaísta da Bahia” não lera seu trabalho, pelo fato de não haver muitos exemplares disponíveis e, logo em seguida, afirma ter sido o trabalho reproduzido em jornais e revistas do país. Ora, tendo Heron de Alencar sido redator de uma página literária de um grande jornal, certamente tivera acesso àquele ensaio. Aliás, ele mesmo utilizara o termo “discordar” ao referir-se ao posicionamento de Heron: “No seu primoroso trabalho, Heron de Alencar, ao tratar das origens do romance brasileiro, *discordou* da tese por mim sustentada” (grifo meu). O termo discordar pressupõe conhecimento, já que não se pode divergir daquilo que não se conhece.

Heron de Alencar explica o motivo da sua discordância de Bloem: este, ao tratar do problema da nacionalidade do romance, “escudou-se” no mesmo critério adotado por Romero, do qual Alencar diverge. Para ele, o critério adotado por Bloem para a definição do primeiro romance brasileiro, o critério de nascimento, não seria o mais adequado nem o mais justo. Assim como também não houve concordância sobre a questão da ambientação, pois, ressalta, a novela europeia é atemporal e o elogio da terra, “ou o ambiente da terra, simplesmente”, já aparecera em escritos anteriores a 1752, a exemplo de Botelho de Oliveira e Gregório de Matos; portanto, a consciência da pátria também não poderia servir como justificativa.

Sobre o critério utilizado para classificar as obras – no caso de sua discussão sobre o primeiro romance brasileiro –, vai afirmar que antes do Romantismo não havia romance no Brasil: “No caso brasileiro, o Romantismo não veio fecundar um romance porventura existente. Veio criar o romance” (ALENCAR, 1969, p. 219). Assim, o que autores como Alexandre Gusmão, Nuno Marques Pereira e Doroteia Engrassia Tavadra Dalmira haviam escrito antes pode ser considerado como “antecedentes embrionários e isolados”. No caso de Teresa Margarida da Silva e Orta, ele não o considera embrionário, mas diz que não pode ser classificado como um romance brasileiro.

¹⁴ Ver Anexo B.

Nesse momento, fica fácil perceber o critério adotado por Heron de Alencar: formação, assunto, pertencimento (ou na nomenclatura recente, identidade nacional). Para ele, não bastava o escritor ter nascido no Brasil, mais importante era a sua formação, onde viveu e o que escreveu sobre a gente e a cultura do lugar, além da influência que sua obra exerceu sobre os sucessores. Esta postura é semelhante à que já aparecera nos discursos sobre nacionalidade do século anterior.

Segundo Regina Zilberman (1999), em um estudo mais amplo sobre literatura e identidade nacional no qual aborda a ideia de Garret sobre o que é ser nacional, a compreensão era a de que ser nacional é dar atenção às coisas de um país, é adotar uma temática que exprima o que há de peculiar na realidade local. Este entendimento também faz parte do que significa ser nacional para Heron de Alencar.

Essa postura de Heron de Alencar, de defender o ponto de vista de que, para ser considerado brasileiro, o escritor deveria ter uma formação e temática nacional parece somar esforços no sentido de uma desvinculação entre a literatura brasileira e a portuguesa, de criar uma autonomia para a literatura nacional.

Encerrando, ressalto que, afora essas críticas, as principais sobre os trabalhos de Heron de Alencar, há alguns outros textos que podem ser arrolados como recepção crítica aos seus estudos literários, como à sua tese de concurso, publicada, intitulada *Literatura: um conceito em crise*, 1952 e os que não tratam especificamente de estudos literários e que, por exiguidade do espaço, não entraram aqui.

Enfim, como não seria possível fazer todo o levantamento nem comentar todas as referências, ative-me em considerar com maior ênfase o que foi contemporâneo àquelas publicações. Assim, as principais considerações e avaliações que a produção crítica de Heron de Alencar mereceu foram, ao longo deste trabalho, explicitadas, e, lado a lado, descritas.

Este trabalho de mapear e comentar a recepção crítica contemporânea evidenciou que a sua contribuição se refere tanto à área da história literária quanto da crítica literária. Mostra, também, seus procedimentos metodológicos e a aproximação relativa de seus contemporâneos neste quesito.

Divergências em Torno da Prosa Romântica Brasileira: Heron de Alencar e Outros Críticos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

De Heron de Alencar

ALENCAR, Heron de. Aspectos de um romancista. **Arquivos da Universidade da Bahia** – Faculdade de Filosofia, Salvador, Bahia, v. 0, n. 4, p. 173-194, 1955.

ALENCAR, Heron. José de Alencar e a ficção romântica. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969. v. 2 – Romantismo, p. 217-321.

ALENCAR, Heron de. **O romance romântico no Brasil**. [s.l.], [19--]. 1f. Manuscrito.

ALENCAR, Heron de. [Resposta à crítica de Rui Bloem / revisão do trabalho publicado em **A Literatura no Brasil**, de 1955]. [França], [195-]. 5f. Datiloscrito.

ALENCAR, Heron de. **Sobre o romantismo brasileiro**. [s.l.], [19--]. 3f. Datiloscrito.

ALENCAR, Heron. **Literatura; um conceito em crise**. Tese de concurso para livre docência da Universidade da Bahia. Salvador, 1952.

Sobre Heron de Alencar

BLOEM, Rui. Tereza Margarida e o primeiro romance brasileiro (1). **Folha da Manhã**, São Paulo, 8 set. 1957a. Atualidades e Comentários, p. 3.

BLOEM, Rui. Tereza Margarida e o primeiro romance brasileiro (2). **Folha da Manhã**, São Paulo, 15 set. 1957b. Atualidades e Comentários, p. 3.

BLOEM, Rui. Tereza Margarida e o primeiro romance brasileiro (3). **Folha da Manhã**, São Paulo, 22 set. 1957c. Atualidades e Comentários, p. 3.

BLOEM, Rui. Tereza Margarida e o primeiro romance brasileiro (4). **Folha da Manhã**, São Paulo, 29 set. 1957d. Atualidades e Comentários, p. 3.

COUTINHO, Afrânio. Um concurso na Bahia. **A Tarde**, Salvador, 1953. Recorte de jornal.

FILHO, Adonias. O movimento romântico em *A literatura no Brasil*. **Semanário**, Rio de Janeiro, [1957]. p. 14. Recorte de jornal.

PORTELLA, Eduardo. **Dimensões I**: crítica literária. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

PORTELLA, Eduardo. A crítica literária como problema. In: _____. **Dimensões I**: crítica literária. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. p. 43-48.

PORTELLA, Eduardo. Em torno de um conceito de crítica literária. In: _____. **Dimensões I**: crítica literária. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. p. 49-55.

Outros

ALVES, Ivã. **Visões de espelhos**: o percurso crítico de Eugênio Gomes. 1996. 314p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP, São Paulo, 1996.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

CASTELLO, José Aderaldo; CÂNDIDO, Antônio. **Presença da literatura Brasileira: história e antologia**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1977. 2v.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 2v.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis. (Org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura Brasileira: de Bento Teixeira a Machado de Assis**. Prefácio Alceu Amoroso Lima. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. (Coleção Documentos Brasileiros). 4. ed. Introdução de Heron de Alencar (1963).

WERNECK SODRÉ, Nelson. **História da literatura Brasileira**. 8. ed. atual. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

ZILBERMAN, Regina. História da Literatura e identidade nacional. In: JOBIM, José Luis (Org.). **Literatura e identidades**. Rio de Janeiro: J. L. J. S. Fonseca, 1999. p. 23-56.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do Cânone**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

Divergências em Torno da Prosa Romântica Brasileira: Heron de Alencar e Outros Críticos

ANEXO A
ARTIGO DE JORNAL, DE RUI BLOEM, TEREZA MARGARIDA E O PRIMEIRO ROMANCE BRASILEIRO

1ª edição... Teresa Margarida e o primeiro romance brasileiro... Resumo: um velho debate da história literária do Brasil... (Conferência Inaugural em Universidade Brasileira...)

meio romance brasileiro... romance brasileiro nasceu no século XVIII ou no século XIX... "A Literatura no Brasil", em que se repete o protagonismo de Silva e Orta, irmã de Matias Aires... (No próximo domingo o número 2)

Fonte: BLOEM, 1957a, p. 3.

ANEXO B
MANUSCRITO DE HERON DE ALENCAR – RESPOSTA A RUI BLOEM

Foi muito tempo depois de pronunciada e publicada em jornal que vim a conhecer a conferência de Rui Bloem, "Feresa Manacida e o primeiro romance brasileiro", na qual o ilustre historiador discute e contesta parte do meu trabalho "Tri de Alencar e a ficção romântica", publicado no t. I, vol. 2, de "A Literatura no Brasil". Com uma menção no resumo, sem maior possibilidade de conhecer imediatamente o trabalho de Rui Bloem, e por pressões da direção do meu amigo Adelino da Cunha Lima que me chegaram às mãos os recortes da conferência publicada. Ainda que, àquela época, não estivesse fora de tempo uma resposta ou um esclarecimento, preferi silenciar. Julguei não merecer tal consideração quem se dispôs a corrigir de qualquer maneira "sem conhecê-lo ou examiná-lo pessoalmente". Hoje, porém, quando volto a trabalhar o assunto, acredito ser necessário esclarecer. E aqui vão os esclarecimentos:

Fonte: ALENCAR, [195].

Recebido: 26/05/2012

Aceito: 12/07/2012